

# Mito, História, Literatura Comparada e Donjuanismo

---

ROSA MARIA SEQUEIRA  
Universidade Aberta/CEMRI  
Rosa.Sequeira@uab.pt

O tratamento tradicional dos mitos conheceu um ponto de viragem nos anos 1960 e 1970 com a mitocrítica e a mitanálise<sup>1</sup> que se tornaram um dos campos mais fascinantes da literatura comparada.

Embora essa fortuna não tenha sido isenta de discussões e divergências nos seus princípios e metodologias, ainda assim assentou nalguns pontos comuns que se enquadravam no contexto teórico do estruturalismo. Partindo da proposta de Vickery (1966), elenco os quatro principais pressupostos em que esta abordagem assentava:

- 1) A criação de mitos, a mitopoética, é inerente ao processo de pensamento;
- 2) A literatura emerge das formas mitológicas, com as quais partilha elementos similares e uma similaridade de pensamento;
- 3) O mito é um estímulo para a literatura, mas também para a crítica literária, fornecendo padrões e motivos para a interpretação das obras;
- 4) A capacidade da literatura de seduzir e mover deve-se, em parte, à sua qualidade mítica.

Tanto a criação literária, com o simbolismo, como a ciência, especialmente com a psicanálise e a antropologia, contribuíram para esta nova aten-

---

<sup>1</sup> A mitocrítica, termo criado por Gilbert Durand (1979) por analogia com a psicocrítica, consiste na análise literária e artística a partir da identificação quer das componentes inconscientes de uma psique quer dos mitemas (cuja significação deve ser procurada no seu valor simbólico), pertencentes tanto ao criador como a toda a humanidade. O termo mitanálise, criado por analogia com a psicanálise, na definição esclarecedora do *Dicionário Crítico de Política Cultural* (1997), é usado “para designar duas operações analíticas distintas: a que extrai o sentido sociocultural de um mito e a que busca seu sentido psicológico, num jogo do patente com o latente, do consciente antropológico com o inconsciente coletivo” (Coelho, 251). Por comodidade de exposição, utilizarei apenas o primeiro termo a partir de agora.

ção a arquétipos e padrões comuns de rituais e mitos em diferentes culturas e tempos. Os trabalhos de Jung, Mircea Eliade, Frazer e Lévi-Strauss<sup>2</sup> tiveram especial impacto na mitocrítica, que ambicionava chegar a constituir uma ciência do mito, embora com consciência da ignorância, e se perspectivava como uma área interdisciplinar envolvendo, pelo menos, a antropologia, a história, a religião, os estudos literários e linguísticos, a psicologia e a filosofia.

Ora esta interdisciplinaridade só foi possível conciliando consciência mítica e científica, quando a ciência moderna deixou de entender o mito como uma deficiência do intelecto e ultrapassou uma visão algo maniqueísta que se apoiava na dualidade entre pensamento correto e pensamento aberrante e se baseava no pressuposto de que era um progresso da consciência a passagem do estágio pré-lógico ao estágio lógico. Esta evolução crítica, que já vemos em Durkheim no campo da sociologia, pretendia agora dar voz a valores fundamentais nas estruturas mentais e sociais e apresentava-se com uma formulação mais satisfatória ao tentar integrar os mitos no campo da explicação científica.

Na mesma linha de pensamento e com o mesmo impulso inquiridor, Northrop Frey estabeleceu uma teoria dos mitos no seu terceiro ensaio de *Anatomy of Criticism* (1957), obra que exerceu grande influência nos trabalhos posteriores de análise literária. Na tradição aristotélica, Frey assume a ligação do mito e da literatura como essencial e não acidental, retomando o entendimento do mito como fábula ou enredo que vemos na *Poética*<sup>3</sup> e que é comum também às investigações de Mircea Eliade<sup>4</sup>, confirmando que a estrutura do mito é a estrutura do texto e a cosmologia é a gramática da imagem literária.

---

<sup>2</sup> A perspectiva de Carl Jung incide na identificação de arquétipos ou imagens primordiais que, mantendo-se no inconsciente coletivo como uma espécie de resíduo psíquico de natureza suprapessoal, se expressam em mitos, nos sonhos e na arte através de padrões que se repetem. Já para Lévi-Strauss a significação dos mitos não está no seu conteúdo, mas na estrutura de relações que revelam e no sistema original que dá forma ao conjunto (Lévi-Strauss, 22). A teoria de Jung é mais vaga na medida em que as reminiscências pessoais (o inconsciente pessoal) e as imagens "primitivas" (o inconsciente coletivo) pertencem "aos segredos da história do espírito humano" (Jung, 115). Aquilo que para Jung faz emergir os mitos é a memória (composta do inconsciente pessoal e coletivo) enquanto que para Lévi-Strauss é a imaginação mitopoética através de estruturas e operações da mente.

<sup>3</sup> A palavra mito provém do grego antigo *mythos* e significava história ficcionada, aplicando-se tanto a histórias sagradas ou seculares, verdadeiras ou falsas. Ver especialmente o capítulo VI da *Poética* em que Aristóteles estabelece uma teoria da tragédia e também os capítulos VII a XI em que estuda a tragédia como mito.

<sup>4</sup> Mircea Eliade acentua o caráter etiológico e exemplar do mito, não deixando de o ligar a uma narrativa: "o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial" (Eliade, 12). Na revelação da atividade criadora, o mito encontra a eclosão do sagrado no mundo. E é nesse poder sagrado que Eliade encontra a explicação para a exemplaridade do mito que "é sempre, portanto, a narração de uma 'criação'" (13).

A metodologia de Frey passa por indagar a qualidade mítica da literatura (que explicaria a sua capacidade de seduzir e mover segundo um dos princípios que comecei por enunciar) a partir da identificação das formas míticas recorrentes e do estudo do modo como os padrões míticos persistem nas diferentes culturas. Um dos principais objetivos de Frey é, portanto, chegar a uma “mitologia unificada” como refere em “Littérature et mythe” (cf. Frey, 490) e não tanto à explicação da origem e formas de aparecimento dos mitos levada a cabo pela vertente antropológica e psicológica.

Atualmente, a nível teórico, há que atender ao seguinte: o que poderá ainda hoje interessar-nos nesta perspetiva? Por outras palavras, terá sido ela apenas um momento na história dos estudos literários?

Para responder a esta questão, podemos, em primeiro lugar, comparar a mitocrítica e a mitanálise com as tendências teóricas mais recentes, e, depois, a nível prático e a título exemplificativo, interrogarmo-nos sobre a relevância da mitocrítica para o chamado mito dos mitos, o mito de Don Juan.

Desde o início dos anos 1970, os estudos literários passaram do estruturalismo, a “grande metanarrativa da teoria da literatura” como lhe chama Aguiar e Silva (5), para uma multiplicidade de teorias, entre as quais a desconstrução, o novo historicismo e os estudos culturais com abordagens mais específicas como os estudos de género e pós-coloniais, se apenas nos centrarmos nas mais correntes. Tendencialmente políticas, estas teorias almejam uma forma de consciência que pretende ter impacto na alteração do *status quo* social. É significativo que a crítica afroamericana, uma particularização dos estudos pós-coloniais, dê especial atenção aos modos pelos quais as diferenças étnicas e formas de racismo orientam a identidade individual e coletiva e determinam as relações interpessoais. Embora algumas destas perspetivas teóricas possam ser mais holísticas do que outras, não é abusivo dizer que elas demonstram uma preferência pelo contexto em detrimento do texto, ao inflitirem o interesse da estética e das relações de força no interior da organização textual para a realidade extratextual. Análises mais “sociológicas” foram prevalecendo em relação à leitura analítica (“*close reading*”). Em contrapartida, a mitocrítica, ao eleger um objetivo puramente estético, seria alegadamente alheia a forças com intervenção na história e na sociedade. Entretanto, embora tenha perdido a sua posição dominante nos estudos literários, continuou a praticar-se, ainda que com menor visibilidade, e a exercer o seu fascínio<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Já noutra passo referi o carácter sedutor da psicocrítica, que se foi sempre mantendo, em particular nos E.U.A. e que é extensível à mitocrítica, na medida em que ambas conduzem o homem à descoberta de si próprio (cf. Sequeira, 49). Para a metodologia de análise literária baseada nos mitos, ver, por exemplo, o artigo de Simone Vierne (1993).

O debate ou também a chamada “guerra cultural” entre os adeptos do texto e os do contexto tem sido aceso e frequentemente acrimonioso e nem sempre isento de interesses mais imediatos relacionados com a organização das universidades, envolvendo uma vontade de poder, de que fala Richard Palmer, que se apresenta, por vezes, como procura da verdade (65).

Defensores das abordagens mais explicitamente interventivas, as derivadas de movimentos sociais e políticos - este é o caso, por exemplo, dos estudos de género, nascidos do movimento de emancipação das mulheres -, reclamam-se de uma maior abrangência e interesse social e reprovam práticas menos militantes que alegadamente serviriam as estruturas de poder existentes<sup>6</sup>. Nesta ótica, o paradigma estritamente literário estaria atualmente em colapso.

Já os seguidores das abordagens textuais negam a superioridade epistemológica das teorias mais políticas, argumentando que estas não proporcionam uma melhor compreensão do facto literário, apenas diferente: “*Cultural studies tell us to look elsewhere to find the meaning of the literary text; I say that if you look elsewhere, you will see something else*” (Fish, 11).

É inevitável que, para explicar o objeto de estudo numa determinada ótica, seja necessário considerar uns aspetos e ignorar outros. A questão é se atualmente a mitocrítica pode ser considerada relevante. Entendo que sim e que, nos seus objetivos e metodologia, até está em condições de escapar mais facilmente às contradições do “culturalismo” que Geoffrey Hartman (um autor que sempre defendeu a independência da arte quer em relação ao decoro social quer em relação a diretivas políticas) tão bem expôs na sua obra *The fateful question of culture* (1997)<sup>7</sup>. Não servindo para legitimar culturas particulares nem sendo militante, a mitocrítica valoriza a literatura, analisando-a da sua própria perspectiva.

Assumindo que o mito é inerente ao pensamento e à literatura, a mitocrítica esclarece a consciência do movimento criador e o impacto da leitura e receção num contexto social particular. Para isso articula a análise formal, seja ela de pendor mais semântico ou retórico, com a análise funcional que decorre da própria funcionalidade do mito nesse contexto.

Do ponto de vista metodológico, e porque os mitos são narrativas animadas por uma intenção explicativa, etiológica e interventiva em relação ao real, a mitocrítica assume a necessidade de conhecimento extraliterário e utiliza-o na análise literária.

Como mostram os ensaios de Barthes e Althusser, o mito tem um carácter imperativo ou interpelativo na preservação e transmissão de valores, com-

<sup>6</sup> Ver, a propósito, por exemplo, *Literary into Cultural Studies* de Anthony Easthope (1991).

<sup>7</sup> Entre as contradições que Hartman aponta ao “culturalismo” está a confusão entre “cultural” e “étnico” ou “político-nacional”.

portamentos e hábitos culturais. Daí ser legítimo estabelecer uma relação consubstancial com o ensino, como faz Marie-José Fourtanier (2000), ao acentuar as virtualidades pedagógicas dos mitos na medida em que, através da memória cultural, eles podem contribuir para a coesão de públicos heterogêneos. Neste sentido, os mitos não apenas representam o passado mas guiam a construção do presente e do futuro. Por essa razão o escritor uruguaio Eduardo Galeano construiu a primeira parte da *Memoria del fuego* a partir de mitos indígenas e, noutra passo, conta a seguinte história para provar que os mitos vêm da história e para a história se dirigem:

*En 1572, cuando los españoles cortaron la cabeza de Túpac Amaru, último rey de la dinastía de los incas, nació un mito entre los indios del Perú. El mito anunciaba que la cabeza se juntaría con el cuerpo. Dos siglos después, el mito volvió a la realidad de la que provenía y la profecía se hizo historia: José Gabriel Condorcanqui tomo el nombre de Túpac Amaru y encabezó la mayor sublevación indígena de todos los tiempos. La cabeza cortada se encontró con el cuerpo.*

(Galeano, 15)

Memória atuante e *dynamis*, isto é, potencialidade de ser outra coisa para além daquilo que é, o mito é adequadamente captado pela mitocrítica de um modo menos redutor do que fazem outras abordagens hoje mais populares em relação ao seu objeto de estudo.

É difícil não a aplicar ao donjuanismo, mito explícito que constitui um exemplo máximo de interculturalidade e hipertextualidade em que autores e países dialogam fazendo oscilar razões artísticas, morais e filosóficas ligadas a um determinado espaço e tempo. No donjuanismo, a leitura mitanalítica não pode deixar de contemplar a análise sociocultural e o estudo comparado das mentalidades na procura das razões da fascinação dos grandes criadores por Don Juan.

No decurso da evolução do mito durante os séculos, desde as narrativas exemplares da tradição oral onde teve a sua origem<sup>8</sup> e desde o momento em que foi fixado pela primeira vez na literatura por Tirso de Molina numa época em que surgiam outros mitos do individualismo<sup>9</sup>, foram sendo introduzidas variações e subversões suscetíveis de lhe alterar a significação<sup>10</sup>. À semelhança de Gilbert Durant e James Frazer, que dão conta dos mitemas ou elementos significativos de valor simbólico e dos mitologemas ou ques-

<sup>8</sup> Para este assunto ver Sequeira (2009<sup>a</sup>).

<sup>9</sup> Para este assunto ver Watt (1997).

<sup>10</sup> Desde Tirso de Molina, o mito surge associado aos grandes nomes do panorama literário e musical internacional. A título de exemplo e por ordem de sucessão: Molière, Thomas Shadwell, Mozart, Hoffmann, Byron, Pushkin, Zorrilla, Kierkegaard, Tolstoy, Unamuno, Max Frisch, Camus, Brancati, Torrente Ballester, Peter Handke... Em Portugal, contamos com Junqueiro, António Patrício, Natália Correia, Almeida Faria e Saramago.

tões essenciais a que o mito procura responder, e que não são solucionáveis satisfatoriamente pela lógica, também Jean Rousset, quando trata o mito de Don Juan, considera o substrato mítico na sua totalidade e nas suas relações estruturais ao longo da história nas diferentes sociedades onde foi produzido. Só pela análise da relação entre os detalhes num todo e também pela identificação de padrões comuns (tal como faz Frazer em *The golden Bough* ao identificar padrões comuns de mitos e rituais em diferentes culturas e tempos) e não tanto pela notação da simples recorrência dos motivos, é que Rousset pode chegar à estrutura permanente do mito constituída pelo herói, pelo grupo feminino e pelo morto, uma estrutura que necessita da coincidência hermética dos contrários para manter o carácter mítico e a validade através dos séculos.

A literatura recente continua a interessar-se por Don Juan que entretanto se tornou um "cliché". O continuado interesse que o mito suscita e o sucesso que ele encontra na época atual só podem significar que ele continua vinculado a aspetos da modernidade e em harmonia com a sensibilidade coletiva na expressão de problemas de hoje<sup>11</sup>. O donjuanismo é tão moderno como na época da sua fixação literária quanto pós-moderno com as últimas produções. Durante a sua história de quatro séculos e no momento presente, Don Juan serve para criticar comportamentos e é uma força de regulação social. Por esta razão, a análise do mito não poderá deixar de considerar, à semelhança dos estudos de género, os valores patriarcais e as ideologias que os enformam. De resto, é isso que faz Margarida Losa (1981) num estudo esclarecedor intitulado "Don Juan, ameaça do patriarcado".

Também as obras de ficção do donjuanismo não escondem a dimensão ética e política ligada a determinados contextos sociais.

Vitaliano Brancati, na Itália e em plena Segunda Guerra Mundial, escolheu um Don Giovanni sem vontade e subjugado pelas figuras femininas da família para denunciar uma sociedade politicamente passiva, assim submetendo o Eros pagão, natural e desinibido, livre da moral cristã, à Grande Mãe, outro mito importante no imaginário coletivo. O sucesso imediato desta obra só pode significar a importância que teve para a sociedade italiana de então. A mesma intenção crítica leva Almeida Faria a fundir também o mito de Don Juan com outro mito caro à tradição portuguesa, o sebastianismo, no romance *O Conquistador* (1990) e Natália Correia a servir-se do donjuanismo para acusar a corrupção dos sentidos e a deca-

<sup>11</sup> O facto de a crítica ter anunciado em várias ocasiões a morte do mito por não estar em consonância com a época atual (por exemplo, no novo papel social da mulher que rivaliza com o do homem) minimiza a capacidade criativa dos escritores que, contrariamente ao anunciado, têm produzido obras relevantes no âmbito do donjuanismo que remetem, muitas vezes, para obras anteriores. A hipertextualidade que caracteriza o mito de Don Juan dá continuidade ao mito literário.

dência moral da sociedade burguesa do salazarismo. Mais recentemente, Saramago aponta o dedo à impunidade na sociedade atual através do mito de Don Juan<sup>12</sup>. Na dinâmica da circulação textual de criação e receção, o donjuanismo vai permanecendo através da hipertextualidade e da interdiscursividade, isto é, da relação que os textos literários estabelecem com textos anteriores e com os discursos sociais. Por esta dimensão ética e política do donjuanismo, comum, aliás, a qualquer mito, não é exagero afirmar que todas as obras que o convocam têm o propósito de o reler para denunciar o presente num fecundo jogo intertextual que sempre se coloca no horizonte da alteridade:

*Choisir de regarder le texte dans sa réécriture est une option épistémologique qui, située à la confluence des théories critiques contemporaines, mettrait l'accent sur l'articulation du texte littéraire avec son 'autre'.*

(Domino, 1)

Isto seria o suficiente para justificar a defesa do regresso de uma cultura mítica na educação literária. Mas importa sublinhar que uma leitura operante, que busque a profundidade mítica da literatura e afine a perceção das obras na sua força imaginante e atuante de valor subjetivo e experiencial, não pode arredar uma abordagem metodológica assente na comparação e diferenciação que reúna texto e contexto.

Mito e literatura são uma só comunidade imaginada, complexa na defesa da diversidade, na sublimação das contradições e no tipo de experiência estética. A abordagem da mitocrítica respeita essa natureza e está liberta da pressão e regulação sociopolítica de teorias atuais baseadas no género e etnicidade. Por isso ontem como hoje a mitocrítica continua a merecer ser posta em prática.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR E SILVA, Vítor. "As relações entre a teoria da literatura e a didática da literatura: filtros, máscaras e torniquetes". *Didática da língua e da literatura*. Vol. I. Coimbra: Almedina, 2000, 3-9.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Ana Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- BRANCATI, Vitaliano. *Don Giovanni na Sicília*. Tradução de Mario Frondelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

<sup>12</sup> Sobre o Don Giovanni de Saramago ver Sequeira (2009b).

- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural – cultura e imaginário*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997, in: <http://www.scribd.com/doc/6620513/Dicionario-Critico-de-Politica-Cultural-Teixeira-Coelho> (web 9 outubro 2011).
- CORREIA, Natália. *D. João e Julieta*. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- DOMINO, Maurice. “La réécriture du texte littéraire Mythe et Réécriture”. *Semen* 3 [em linha], 1987, in: <http://semen.revues.org/5383> (web 9 outubro 2011).
- DURAND, Gilbert. *Figures mythiques et visages de l'oeuvre*. Paris: Berg, 1979.
- EASTHOPE, Antony. *Literary into cultural studies*. London: Routledge, 1991.
- ELIADE, Mircea. *Aspetos do mito*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1984 [1963].
- FARIA, Almeida. *O Conquistador*. Lisboa: Caminho, 1990.
- FOURTANIER, Marie-José. “Mythe, literature et enseignement”. *Recherches en didactique de la littérature*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2001, 99-104.
- FRAZER, James. *The golden Bough. A study of magic and religion*. New York: Bartleby.com. 2000 [1922], in: <http://www.bartleby.com/196/> (web 8 outubro 2011).
- FREY, Northrop. *Anatomy of Criticism*. New Jersey: Princeton University Press, 1957, in: <http://northropfrye-theanatomyofcriticism.blogspot.com/2009/02/third-essay-archetypal-criticism-theory.html#TE-TMi> (web 27 setembro 2011).
- FREY, Northrop. “Littérature et mythe”. *Poétique* 8. Tradução do inglês de Jacques Ponthreau. 1971, 489-514.
- FISH, Stanley. “Why literary criticism is like virtue”. *London Review of Books*. 10/6/93, 1993, 11-16.
- GALEANO, Eduardo. *Memoria del Fuego*. Montevideo: Ediciones del Chanchito, 1987.
- GALEANO, Eduardo. *Ser como ellos y otros artículos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, 2010 [1992].
- HARTMAN, Geoffrey. *The fateful question of culture*. New York: Columbia University Press, 1997.
- JUNG, Carl G. *Acerca da psicologia do inconsciente*. Tradução de Ingrid Bauner Trindade. Lisboa: Edições Delfos, 1967.
- LÉVY-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1981 [1978].
- LOSA, Margarida. “Don Juan, ameaça do patriarcado”. *Colóquio Letras*, 64, 1981, 10-20.
- PALMER, Richard. “Postmodern hermeneutics and the act of reading”. *Notre Dame English Journal*, vol. 15, 3, 1983, 55-79.
- ROUSSET, Jean. “Don Juan ou as metamorfoses de uma estrutura”. *O mito de Don Juan*. Jean Rousset e outros (dir.). Tradução de Maria Luísa Trigueiros Machado e Maria Filomena Boavida. Lisboa: Arcádia, 1981, 31-45.

- SEQUEIRA, Rosa Maria. *O Poder e o Desejo – o ensino da literatura a estrangeiros na universidade*. Lisboa: Ministério da Educação, 2003.
- SEQUEIRA, Rosa Maria. “Da tradição oral ao mito literário: narrativas de Don Juan Tenorio”. *Narrativas em metamorfose*. Irene Blayer e Francisco Fagundes (org.). Cuiabá: Cathedral Publicações, 2009<sup>a</sup>, 171-186.
- SEQUEIRA, Rosa Maria. “Don Giovanni ou o dissoluto absolvido de José Saramago: à sombra de Mozart”, *Lusorama*, 79-80, 2009b, 6-16.
- VIERNE, Simone. “Mitocritique et mythanalyse”, *Iris*, 13, 1993, 43-56.
- VICKERY, John (ed.). *Myth and Literature: Contemporary Theory and Practice*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1966.
- WATT, Ian. *Myths of Modern Individualism*. Cambridge University Press, 1997 [1996].